



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **EDUCAÇÃO INFANTIL: DILEMAS E PERSPECTIVAS NO PROCESSO FORMATIVO**

Edna Pimentel  
(UESB)

Roberta Bolzan Jauris  
(UESB)

### **RESUMO**

O presente ensaio traz uma breve discussão sobre o processo formativo do profissional que atua na educação infantil, destacando alguns aspectos que contribuem na formação de sua identidade profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de professores. Educação Infantil.

### **INTRODUÇÃO**

Neste ensaio, duas questões irão orientar as discussões a respeito da educação infantil: a primeira, se refere ao processo formativo do professor da educação infantil frente à reforma educacional implementada no Brasil a partir de 1990. A segunda, decorrente da primeira, sinaliza a respeito da construção da(s) Identidade(s) desse profissional.

---

·Doutoranda em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia - PPGEDuc/UNEB. Membro do Grupo Desenvolvimento Social (CNPQ). E-mail: Furukawa\_loanda@hotmail.com.

· Mestranda em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Educação Infantil: fundamentos teóricos, políticos e metodológicos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo Desenvolvimento Social (CNPQ). E-mail: robertajauris@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Discutir a respeito da formação do professor da educação infantil requer um breve retorno à história, no sentido de demarcar o fato de que essa educação historicamente esteve ligada à condição social e econômica da criança.

Dias (1997) destaca que as creches eram direcionadas às crianças pobres com o objetivo de cuidar, possuindo caráter meramente assistencialista e os jardins-de-infância, que já surgiram com o caráter educacional-pedagógico, dirigiam-se ao atendimento dos filhos das famílias de classes médias e altas.

Diante desta realidade, os profissionais escolhidos para atuar nas creches para crianças pobres bastavam ser do gênero feminino e saberem exercer a função de mãe. A preocupação com a formação destes profissionais não existia, resumindo-se em fazer as atividades de cuidador.

Dizer que há atributos, habilidades e competências específicas para trabalhar com crianças pequenas é uma tendência recente na história da educação se considerarmos que até bem pouco tempo boa vontade, carinho, paciência, amor eram as características popularmente conhecidas e desejadas. Resumindo: bastava gostar de crianças (SANTOS, SANTOS, SILVA, 2009, p. 166).

Essa realidade acarretou historicamente a vinculação do campo da Educação Infantil, principalmente da creche, com a função materna, diretamente atrelada à figura feminina. Sobre esta característica, Cerisara (2002, p. 25-26) destaca que

Sem pretender uma definição acabada do perfil das profissionais de educação infantil, pode-se afirmar que eles têm sido mulheres de diferentes classes sociais, de diferentes trajetórias pessoais e profissionais, com diferentes expectativas frente à sua vida pessoal e profissional, e que trabalham em uma instituição que transita entre o espaço público e o espaço doméstico, em uma profissão que guarda o traço de ambigüidade entre a função materna e a função docente.

Essa realidade, que de certa forma ainda se mantém, tem sido um grande desafio para a sociedade, pois as políticas públicas educacionais ainda não



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

conseguiram implementar mudanças substanciais na educação infantil, especialmente nas condições de trabalho de seus profissionais, que continuam enfrentando problemas de diversas naturezas, como a ausência de reconhecimento e valorização social:

[...] A grande maioria dos profissionais de educação infantil, que deveria ter uma remuneração melhor, condizente com a formação universitária, está contratada como auxiliar de creche. Tais educadores trabalham 40 horas semanais e recebem remuneração abaixo de dois salários mínimos(VASCONCELOS, 2001, p. 112) .

Outro impasse não menos importante se refere à formação desses profissionais, pois, infelizmente, ainda se aceita o nível médio, como escolarização mínima para atuar na Educação Infantil, conforme recomenda a LDB 9394/96:

Art.62 – A formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de Licenciatura, de Graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 2011).

Mesmo diante desse texto flexível, que de certa forma desvaloriza a importância do professor da Educação Infantil, ainda assim, após a LDB 9394/96, pôde-se verificar a ampliação da demanda por vagas no Curso de Pedagogia.

Demanda tanto por pessoas sem experiência de magistério, como demanda vinda dos municípios, interessados em realizar parcerias com as Universidades públicas no sentido de garantir a formação dos seus professores, já concursados e em efetivo exercício.

Mas, diante de tal contexto, indaga-se: até que ponto as instituições de ensino superior, especificamente os Cursos de Pedagogia tem articulado o referencial teórico-metodológico das diversas disciplinas com a realidade das creches? (SANTOS, SANTOS, SILVA, 2009, p. 165). As Instituições de formação de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

professores para a educação Infantil tem se preocupado em elaborar e implementar projetos que articule o Curso de Pedagogia e seu currículo voltados para formar um perfil de profissional que seja capaz de intervir socialmente no espaço educativo das creches? O que é ser um educador na Educação Infantil?

Kuhlmann (apud ARCE, 2005, p. 09) deixa claro que devemos ter cuidado com o projeto de formação, pois:

[...] No lugar de alertar para os cuidados a se ter quando se está no campo teórico, para que o processo de abstração seja consequente, nota-se muitas vezes uma concepção que infantiliza as professoras e professores; que lhes quer ensinar, por exemplo, apenas os exercícios de desenho que farão com as crianças, no lugar das técnicas artísticas e do cultivo do gosto estético. Enquanto se defende que as crianças tenham favorecida sua autonomia e se motivem para a fruição dos bens culturais, que aprendem a gostar de ler e de conhecer, ignora-se que os educadores também precisam desfrutar dessas condições, além é claro, das condições dignas de trabalho e de salário.

É necessário pensar a formação para a educação infantil com seriedade, compreendendo suas especificidades, sua natureza epistemológica e teórico-metodológica, que contribua efetivamente na construção da práxis educativa, considerando que :

[...] a formação de professores não pode se eximir de uma bagagem filosófica, histórica, social e política, além de uma sólida formação didático-metodológica, visando formar um profissional capaz de teorizar sobre as relações entre educação e sociedade e, aí sim, como parte dessa análise teórica, refletir sobre a sua prática, propor mudanças significativas na educação e contribuir para que os alunos tenham acesso à cultura [...] (ARCE, 2005, p. 10).

As políticas educacionais implementadas a partir da década de 1990 tem demonstrado certa preocupação com a formação dos profissionais da educação Infantil, como no Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172 de 09 de janeiro de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

2001, propondo uma atenção especial na qualificação desse segmento através de novos conhecimentos e habilidades na educação das crianças.

Encontramos também iniciativas sobre a qualidade da formação, na resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica como o estabelecimento de articulações entre os conhecimentos teóricos e práticos, bem como, uma organização curricular que caminhe junto com o que é oferecido ao estudante em formação e o que é exigido ao profissional em sua atuação.

Para que se exija um profissional competente com nível superior é necessário pensar sobre a formação do mesmo. Assim, torna-se evidente eleger saberes, conhecimentos e teorias que visualizem a construção de práticas para atuar com a criança da educação infantil. Esta discussão deve ser feita com urgência na reforma curricular dos cursos que formam o profissional da Educação Infantil na universidade.

Na percepção de Vasconcellos (2001, p. 100) é evidente que

Num país como o nosso, onde a formação do educador infantil ainda esta por ser reconhecida, o profissional dessa área precisa construir sua carreira com o reconhecimento entre seus pares e entre os outros educadores e a comunidade em geral. Para tanto, ele deve conhecer mais sobre Educação e Desenvolvimento Infantil, entender a criança como sujeito social e de cultura, ao mesmo tempo em que vai se percebendo e se transformando num profissional mais apto para os embates e exigências do cotidiano.

Diante desta realidade, construir a imagem da profissão de professor passa pela formação de professores voltada para o trabalho nas instituições de educação infantil, reconstruindo sentidos, significados e valores “referentes a uma filosofia de educação infantil para todas as crianças [...]” (VASCONCELLOS, 2001, p. 102).

Construir uma nova perspectiva teórico-prática de trabalho educativo de qualidade torna-se o caminho para a democratização da educação infantil e para a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

construção de novas formas de compreender o desenvolvimento da criança e também sim, dos educadores, “autores que são de uma nova *auto-imagem* e de uma *profissão*” (VASCONCELLOS, 2001, p. 102 – grifo do autor).

Refletir sobre o processo de formação do professor de Educação Infantil remete ao processo de construção histórica, social e política da profissionalização desse trabalhador. Remete também a pensar a respeito da sua identidade docente e da importância do seu papel social na atualidade (SILVA, 2003).

Identities: quem eu sou? O que me caracteriza? O que me define ou me rotula? Que profissional eu sou? Estas são algumas questões que se fazem necessárias para construir e identificar o profissional da Educação Infantil. O processo identitário é feito de reflexões e buscas que mobilizam saberes e fazeres historicamente estabelecidos, mas, que devem ser modificados por entender que o papel do professor da creche não deve restringir-se ao cuidar (função materna) ampliando assim, as possibilidades de sua função docente.

Qual será a identidade dessas profissionais que oscilam entre a função historicamente delegada às mães (nas famílias) e às professoras (nas escolas de ensino fundamental)? Em que elas se diferenciam? Em que elas se assemelham? O que as constitui enquanto profissionais? (CERISARA, 2002, p. 21).

A identidade do professor constitui-se por trajetórias pessoais e profissionais formadas por processos sociais, no interior de relações sociais determinadas pelo sistema social (SILVA, 2003). Afirmando esta idéia, os autores Berger e Luckmann (apud GOMES, 2009, p. 33) asseveram que:

Em um contexto de relações entre a sociedade e a produção de conhecimentos, consideram que a identidade – elemento-chave da realidade objetiva que se encontra em relação dialética com a sociedade –, quando cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assim, a identidade é relacional, e a diferença constitui-se por aspectos simbólicos relativos a outras identidades, pois, a identidade está também ligada a condições materiais e sociais (GOMES, 2009). Ao falar sobre identidade dos professores Nóvoa (*apud* CERISARA, 2002, p. 32) destaca que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

A identidade entendida como um processo dinâmico, estando em constante mudança ou como algo que lhe caracteriza: sua história; é pensado por Ciampa (*apud* CERISARA, 2002, p. 32) expondo que a identidade concretiza-se com

[...] a articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo, e constituída por, uma história pessoal; identidade é história. Isto nos permite afirmar que não há personagens fora de história (pelo menos da história humana) sem personagens.

Para Dubar (*apud* GOMES, 2009, p. 37) “[...] as identidades estão em movimento, e essa dinâmica de desestruturação/reestruturação toma, por vezes, a forma de uma ‘crise de identidades’”, necessária para uma construção identitária.

Segundo Cerisara (2002) a identidade é um processo social, entrelaçado por dinâmicas presentes no contexto influenciador em que a construção tem lugar. Essas dinâmicas sociais são responsáveis por lapidar a identidade do profissional e que não são estranhas a ela, pois,

O processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sócio-político em que se desenrola (MOITA *apud* CERISARA, 2002, p. 32-33)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A autora indica que para se construíra identidade do profissional da educação infantil é preciso ter a sensibilidade para perceber a identidade pessoal formada historicamente numa ocupação socialmente desvalorizada de universo particular feminino (CERISARA, 2002). Desmistificar o papel de gênero e de maternidade do professor de educação infantil torna-se fundamental para “[...] uma melhor definição do papel das profissionais de creche, entendido enquanto maternagem social, diferenciado da maternidade e do magistério, é fundamental para a constituição da identidade desta nova função” (CERISARA *apud* SILVA, 2003, p. 27).

Entra em cena a dicotomia cuidar e educar se explicando pelo princípio da maternagem na educação infantil, onde “bastava ser mulher para assumir a educação da criança pequena” (KISHIMOTO *apud* ASSIS, 2006, p. 93). Como tentativa de se desvincularem da maternagem as professoras passam a valorizar a perspectiva escolarizante acreditando que unicamente isto, é educar, para não serem vistas como babás ou mães.

Cuidar ou educar? Qual é o fazer do professor? Estas questões instigam reflexões polêmicas no campo da Educação Infantil que dividem opiniões de pesquisadores, pedagogos, professores entre outros que atuam nesta área.

Assim, a educação voltada para a creche tem estimulado uma discussão sobre as concepções de cuidado, pois, o cuidado na Educação Infantil tem se mostrado como simples atividades que visam atender demandas de ordem orgânica como: vestir, trocar, alimentar entre outras. Para Leninger (*apud* COSTA, 2006, p. 65) o cuidar é “[...] melhorar uma condição humana; [...] geralmente, aos atributos, as ações e qualidades de assistir os outros em suas necessidades”. Já para Waldow (*apud* COSTA, 2006, p. 65) o cuidar pode significar, “comportamentos e ações que envolvem conhecimentos, valores, habilidades e atitudes, empreendidas no sentido de favorecer as potencialidades das pessoas para manter ou melhorar a condição humana”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Diante do exposto, Costa (2006) baseando-se nas idéias de Rosseti-Ferreira (2003) assinala que tais concepções apontam para atitudes de atenção, interesse, desvelo, preocupação, acolhimento, superando a idéia tecnicista de cuidado presente na Educação Infantil. Afirma ainda que cuidado está associado à sobrevivência, ao desenvolvimento da identidade da criança e as interações entre os participantes dentro de um tempo histórico.

A educação perpassa por complexas relações sociais, políticas e históricas que construíram o que se tem hoje de verdadeiro e certo para a educação e as atitudes socialmente visíveis ou não. Assim, é indispensável discutir sobre o que está posto em detrimento de mudanças dos velhos paradigmas e conhecimentos já desejadas no que se refere à Educação para crianças.

Para Costa (2006) a educação infantil está passando por um novo paradigma que torna necessário a remoção das inadequações do modelo anterior de cuidado assistencial e educação pré-escolar focado nas crianças mais velhas, e o cuidado assistencial, mais desvalorizado em relação às crianças mais novas.

A necessária redefinição de serviços até então oferecidos assim como a integralização de saberes de diferentes naturezas na formação do professor e de sua profissionalidade passam a serem prioridades e desafios a serem enfrentados (COSTA, 2006, p. 70).

A autora propõe em cinco princípios a arte e a ciência do saber cuidar e educar, sendo eles:

1. O saber cuidar e educar, na Educação Infantil, exige investimento financeiro permanente de políticas econômicas contemplando os campos da educação, promoção social e saúde, exige também uma formação interdisciplinar, em que o currículo de formação inicial do educador contemple disciplinas de diferentes áreas.
2. É preciso cuidar e educar sempre e os espaços das Instituições Infantis caracterizam-se como espaços prioritários e complementares aos familiares, para favorecerem este processo.
3. [...] o educador necessita primeiro ser cuidado para então cuidar, quanto mais o educador dedicar os cuidados às



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

suas situações existenciais, maior é o afeto e ternura transferidos à criança. 4. É preciso cuidar dos casos especiais; eles merecem respeito por parte do educador com uma intenção objetiva de bem querer para integrar. 5. Cuidar concebendo a criança como um ser único; como uma pessoa de potencialidades e competências a serem desenvolvidas, procurando compreendê-la, tocá-la em sua pele, em seus corpos e em suas almas para favorecer esse desenvolvimento (COSTA, 2006, p. 85).

Assis (2006) acrescenta à relação cuidar e educar, a brincadeira, como um saber necessário ao professor da Educação Infantil, por ser uma atividade importante para o desenvolvimento infantil, pois, “por meio da brincadeira, o domínio da realidade se torna mais acessível à criança favorecendo seu desenvolvimento psíquico e sua inserção social” (ASSIS, 2006, p. 95). Com a brincadeira, a criança se humaniza, se apropria da realidade usando objetos, desenvolvendo as relações e as normas de convivência com as pessoas. Infelizmente, as professoras não vêem a brincadeira dessa forma, por acreditar que cuidar é exercer tarefas de higiene e alimentação, e que neste momento não estão educando.

A autora destaca que para as professoras o educar é o mais importante, pois está vinculado a aquisição da leitura, da escrita e de conteúdos curriculares, desconsiderando o desenvolvimento afetivo, estético, motor, social, ético, entre outros. O brincar é visto como atividade secundária com a finalidade de distrair as crianças ou facilitar a assimilação de conteúdos escolares.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) destaca a importância da complementação entre cuidar-educar-brincar na ação pedagógica da Educação Infantil. Para se efetivar o educar e o cuidar deve se processar uma nova forma de interpretar a Educação Infantil através do reconhecimento da intencionalidade educativa, a articulação entre a teoria e a prática e o investimento na formação de professores.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para pensar em novos saberes e fazeres do professor, é essencial levantar algumas questões, refletir e buscar novos conhecimentos, a superação de preconceitos e mudanças na prática pedagógica.

É necessário urgentemente, o fortalecimento teórico-prático das professoras para reconhecer as especificidades do fazer docente na educação infantil aliado a políticas públicas que visem à valorização do profissional e a qualidade da educação infantil alicerçado pela tríade cuidar-educar-brincar.

A respeito do perfil do educador da primeira infância, Dias (*apud* GOMES, 2009, p.51), ressalta que

[...]tal profissional deve apropriar-se de profundo conhecimento de si próprio e da criança, dominar conhecimentos culturais e científicos, produzir uma visão crítica e política da realidade, gostar da criança e compreender sua forma lúdica e criativa de conhecer, além de desenvolver as capacidades de observação e reflexão, de articulação criativa e dinâmica entre teoria e prática e de trabalho em equipe.

Para compreender o trabalho docente nas salas de educação infantil e suas mudanças se faz necessário um processo de auto-reflexão, de implicação no processo, pois:

[...] muitas das conquistas para tal âmbito de ensino encontram-se no “semear” o trabalho docente, ou seja, que o professor descubra e busque cuidar da semente do profissional que existe nele mesmo, pois “tudo principia na própria pessoa”. Tal processo construirá este profissional de modo que este assuma, com compromisso e responsabilidade, procedimentos essenciais para a realização de um fazer intencionado, reflexivo e profícuo (ANGOTTI, 2010, p.55).

O profissional da educação que está inserido no mundo de mudanças repensa própria noção que se tem do saber, do conhecimento. O que se vê e aprende-se do mundo é sempre histórico, isto é, o nosso conhecimento está sempre em constante reorganização, sendo, portanto, inacabado.



ISSN: 2175-5493

## X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O professor deve ter a consciência dos seus saberes e fazeres construindo assim, a sua identidade profissional. Mas, este ponto de conscientizar-se é o princípio da construção de seu verdadeiro conhecimento que não tem um ponto final. As práticas pedagógicas se modificam conforme atravessam o tempo e com elas o profissional que através das interações numa coletividade se transforma. O sujeito tem que estar disponível para as possibilidades de modificar-se e transformar o mundo num processo contínuo de estar sendo; o professor tem que estar sempre em busca de novas possibilidades, pois, como diz Paulo Freire “Eu amo a minha inconclusão”<sup>523</sup>. É neste ser humano inconcluso que o profissional da Educação Infantil se faz e se refaz dentro do processo educativo, sendo fundamental para a concretização de uma educação digna para a criança.

### REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. Semeando o trabalho docente. In.: OLIVEIRA, Zilma M. R. de. **Educação Infantil: muitos olhares**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ARCE, Alessandra. **Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe os dez passos para se tornar um professor reflexivo**. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a14v2274.pdf> Acesso em: 19 de setembro de 2005.

ASSIS, Muriane Sirlene Silva de. Práticas de cuidado e de educação na instituição de educação infantil. In.: ANGOTTI, Maristela. (ORG.) **Educação Infantil: para que, para quem, e por quê?** Campinas, SP: Alínea, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>.

---

<sup>523</sup> Fala de Paulo Freire no vídeo - documentário Paulo Freire - Educar para transformar. QUARESMA, Tânia. **Paulo Freire - Educar para transformar**. [vídeo-documentário]. Direção de Tânia Quaresma. São Paulo, Projeto Memória 2005, 2005. 1 DVD, 28 min. Cor. Som.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. 2006.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfpolit2006.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação. Decênio 2011-2020.** 2011. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=7244&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7244&Itemid=).

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, F. N. do A. O cuidar e o Educar na Educação Infantil. In.: ANGOTTI, Maristela. (ORG.) **Educação Infantil: para que, para quem, e por quê?** Campinas, SP: Alínea, 2006.

DIAS, Regina Célia. Luta, movimento, creche: a história da conquista de um direito. In: SILVA, Isa T. F. Rodrigues (Org.). **Creches comunitárias: histórias e cotidiano.** Belo Horizonte: AMEPPE, 1997. p. 19-44.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de Professores na Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2009.

QUARESMA, Tânia. **Paulo Freire - Educar para transformar.** [vídeo-documentário]. Direção de Tânia Quaresma. São Paulo, Projeto Memória 2005, 2005. 1 DVD, 28 min. Cor. Som.

SANTOS, Núbia S. SANTOS, Ilka S. SILVA, Léa S. P. A pesquisa crítico-colaborativa e a formação das educadoras na creche: entre a construção a e reflexão. In.: **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade.** V. 18, n. 31, Salvador, jan./jun. 2009. p. 163-171.

SILVA, Isabel de Oliveira e. **Profissionais da Educação Infantil: formação e construção de identidades.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VASCONCELLOS, Vera Maria R. de. Formação dos Profissionais de Educação Infantil: reflexões sobre uma experiência. In.: **Em Aberto.** V. 18, n. 73, jul. 2001.